



## A PRÁTICA ESPORTIVA COMO ALTERNATIVA PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL ATRAVÉS DOS VALORES OLÍMPICOS

Resumo - O esporte envolve valores que são chave para o desenvolvimento da sociedade e que podem ser usados para a educação dos jovens. Pierre de Coubertin, quando constituiu o Movimento Olímpico, uma das bases do esporte moderno, defende que o esporte deve ser utilizado como um meio para ensinar tais valores indispensáveis à vida em sociedade. Nos valores olímpicos, a prática desportiva cotidiana abrange diversas atividades, tornando-se uma ferramenta importante para uma educação integral dos jovens. Por isso, nas aulas de educação física, os professores podem passar aos alunos valores como a disciplina, o respeito, a dedicação, a persistência, o desenvolvimento do trabalho em grupo, o estilo de vida saudável, a convivência com as diferenças interpessoais, a inclusão e à amplificação das perspectivas de vida. A prática esportiva na escola é acima de tudo afetiva e a partir dos valores transmitidos neste ambiente, cria-se uma cultura que os jovens levam para toda a vida. O ensino desses valores e das habilidades, mencionados anteriormente, fazem parte do que hoje chamamos de competências socioemocionais, que fazem parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a referência nacional obrigatória para que as escolas desenvolvam seus projetos pedagógicos, e tem o compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos. O intuito desse artigo é mostrar como o esporte, através das aulas de Educação Física na escola – e dos valores do Olimpismo integradas a ela – colabora para o desenvolvimento integral do jovem, considerando sua formação física, emocional, intelectual e social e atendem aos novos requisitos pedagógicos da BNCC.

Palavras-chave: educação integral; valores Olímpicos; BNCC; esporte.

### USING OLYMPIC VALUES IN SPORTS AS AN ALTERNATIVE TO AN HOLISTIC EDUCATION

Abstract - Sport involves values that are key to the development of society and that can be used for the education of youngsters. Pierre de Coubertin, when establishing the Olympic Movement, one of the foundations of modern sport, argued that sport should be used as a mean to teach such values that are indispensable to life in society. In the Olympic values, daily sports practice encompasses several activities, becoming an important tool for a comprehensive education of youngster. Therefore, in physical education classes, teachers can pass on to students' values such as discipline, respect, dedication, persistence, development of group work, healthy lifestyle, coexistence with interpersonal differences, inclusion, and the broadening of life perspectives. The practice of sports at school is, above all, affective, and from the values transmitted in this environment, a culture is created that youngsters take with them for life. These values and the skills, mentioned before, are part of what we now call socioemotional skills, which are part of the Common National Curriculum Base (BNCC), the mandatory national reference for schools to develop their educational projects, and is committed to the full development of students. The purpose of this article is to show how sport, through Physical Education classes at school - and the values of Olympism integrated into it - collaborates for the integral development of youngsters, considering their physical, emotional, intellectual, and social development and meet the new pedagogical requirements of the BNCC.

Keywords: holistic education; Olympic values; BNCC; sports.

## LA PRÁCTICA DEPORTIVA COMO ALTERNATIVA A LA EDUCACIÓN INTEGRAL A TRAVÉS DE LOS VALORES OLÍMPICOS

Resumen - El deporte implica valores que son clave al desarrollo de la sociedad y que, además, contribuyen a la educación de los jóvenes. Pierre de Coubertin, constituyendo el Movimiento Olímpico, una de las fundaciones del deporte moderno, sostiene que el deporte es un medio para el ensino de valores indispensables a la vida en sociedad. Mediante los valores olímpicos, la práctica deportiva diaria involucra diversas actividades, convirtiéndose en una importante herramienta para la educación integral de los jóvenes. Por lo tanto, en las clases de educación física, los profesores pueden transmitir a los alumnos valores como la disciplina, el respeto, la dedicación, la persistencia, el desarrollo del trabajo en grupo, el estilo de vida saludable, la convivencia con las diferencias interpersonales, así como la inclusión social y la ampliación de perspectivas de vida. La práctica escolar del deporte es sobre todo afectiva y a partir de los valores transmitidos en este entorno, se construye la cultura muchos jóvenes toman para toda la vida. Estos valores y las habilidades, mencionado anteriormente, son parte de lo que se denomina las habilidades socioemocionales y constituyen la Base Nacional Común Curricular (BNCC) - la referencia nacional obligatoria al desarrollo de proyectos pedagógicos, focalizando el desarrollo por tiempo integral de los alumnos. El propósito de este artículo es mostrar cómo el deporte, a través de las clases de Educación Física en la escuela -y los valores del Olimpismo integrados en él- colabora para el desarrollo integral de los jóvenes, considerando su formación física, emocional, intelectual y social y satisfacer las nuevas necesidades requisitos pedagógicos de la BNCC.

Palabras-clave: educación integral; valores Olímpicos; BNCC; deporte.

Carlos Eduardo  
Dunshee de Abranches  
Jardim Filho

carlosjardimfilho@  
outlook.com

Universidade de Lisboa,  
Portugal

[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v6.id148](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v6.id148)

Recebido: 14 dez 2021

Aceito: 30 jan 2022

Publicado: 17 fev 2022

## **Introdução**

Ao longo da história, desenvolveu-se uma cultura particularmente ligada às questões corporais e “[...] assim foram sendo criados os jogos, as danças, as técnicas de luta, as formas de utilização e cuidado com seu corpo e, mais recentemente, o esporte (p.113)”<sup>1</sup> que foi sofrendo constantes transformações, tanto em sua prática, como nos significados que lhe são atribuídos. O esporte pode ser entendido como um fenômeno sociocultural não limitando movimento a meramente um conjunto de articulações e força. Ao reconhecer os valores que derivam desta atividade e nos vinculam aos nossos mais íntimos sentimentos, cria-se também um ambiente que educa e ajuda na formação integral do indivíduo, “[...] dando-lhe asas para que o sentido da vida e do esporte não o deixem cair no logro da intenção, pelo contrário, que o façam despertar para o ato de sonhar e de criar com elevada eloquência poética (p. 19)”<sup>2</sup>. Então, pode-se dizer que a prática esportiva colabora com o desenvolvimento humano, social e cultural dos jovens. Pois, apresenta de forma dinâmica, normas sociais de aceitação de regulamentos e regras que mais tarde serão muito úteis à suas vidas pessoais quando devidamente apreendidas.

Foi neste sentido que Pierre de Coubertin constituiu o Movimento Olímpico, uma das bases do esporte moderno. Para Coubertin<sup>3</sup>, o esporte envolve valores que são chave para o desenvolvimento da sociedade e que podem ser usados para a sua educação. Nos valores olímpicos, a prática desportiva cotidiana abrange diversas atividades, tornando-se uma ferramenta de educação importante. Desta forma, o esporte é utilizado como um meio para ensinar valores indispensáveis à vida em sociedade como a disciplina, o respeito, a dedicação, a persistência, o desenvolvimento do trabalho em grupo, o estilo de vida saudável, a convivência com as diferenças interpessoais, a inclusão e à amplificação das perspectivas de vida.

Ao relacionar a pedagogia do esporte com o desenvolvimento humano, o intuito é mostrar a atividade física como um ato complexo, estando presente na vida de inúmeras pessoas, detentora de linguagem específica, e que possibilita o desenvolvimento de soluções para uma adequada formação física e social. Para Assis<sup>4</sup> a prática de esporte regular, além de trazer benefícios para a saúde física, ajuda a melhorar o bem-estar psicológico, aumentando a capacidade de raciocínio, memória, percepção e, conseqüentemente, estimulando o rendimento escolar, a confiança, a capacidade para lidar com as emoções e o autocontrole. Contribui ainda para diminuição do absentismo,

do uso de substâncias químicas, assim contribuindo à melhora de diversos problemas de saúde como, por exemplo, a depressão.

O esporte oferece amplas oportunidades para os jovens terem autênticas experiências corporais, já que “[...] o movimento é um comportamento, uma postura, uma presença e uma intencionalidade. Assim o movimento não é só uma linguagem, mas torna-se uma fonte inesgotável de simbologia que lhe confere uma grandeza ilimitada (p. 62)”<sup>5</sup>. A contribuição nesse aspecto tem um valor incalculável, sobretudo quando se tem um amplo olhar de experiências corporais que nos possibilitam escolhas e inserções em diferentes contextos, além de ajudar jovens a desvincularem-se da fase egocêntrica da infância.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) corrobora com esta ideia, pois “[...] privilegia a educação integral dos estudantes com a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, orientada por princípios éticos, estéticos e políticos (p. 557)”<sup>3</sup> pode-se utilizar dos valores embutidos no esporte, e conseqüentemente, no ideal olímpico através de suas histórias, seus símbolos, do seu próprio multiculturalismo, das histórias de vida dos atletas entre outros aspectos, para ajudar na educação integral dos jovens. Portanto, o esporte torna-se uma possibilidade pedagógica dando um aspecto educador a atividade ajudando na formação de caráter do indivíduo. Logo, neste trabalho, aprofundo-me no valor pedagógico do esporte, oriundo do Movimento Olímpico, refletindo como ele pode colaborar aos novos desafios encontrados no campo educacional.

### **A BNCC e a educação integral**

Até 2017, o Brasil não tinha uma base comum curricular. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup> foi criada para ser a referência nacional obrigatória para que as escolas desenvolvam seus projetos pedagógicos. Alinhada a visão de um ser humano complexo, a BNCC destaca o compromisso com o desenvolvimento integral dos jovens, considerando-o, como coloca Casanova<sup>6</sup>, uma unidade biofisiológica, psicológica, social e espiritual em constante interação com outros humanos, com o meio ambiente e consigo mesmo que precisa ser respeitado na sua integralidade, na sua formação. Assim, acabando com a distância entre o desenvolvimento intelectual e o emocional, sugerindo aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver integralmente (intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica).

Atualmente, enfatiza-se a crença de que o êxito na vida depende exclusivamente da nossa capacidade cognitiva, que normalmente é avaliada por testes, e “[...] a melhor maneira para desenvolver essas capacitações é praticá-las tanto quanto possível, começando o mais cedo possível (p. 15)”<sup>7</sup>. Esse pensamento é parte do processo de mercantilização da vida, que destina todo nosso processo de aprendizagem para a produção e performance. Que educação é essa que forma pessoas nas melhores universidades, mas são completamente alienadas e insensíveis aos problemas sociais, sem o menor cuidado com o mundo à sua volta? O direito à educação é um projeto que visa o pleno desenvolvimento da personalidade. A vida moderna carece de uma educação emocional e ao não reconhecer isto, a sociedade confronta-se com a falta de autocuidado, os relacionamentos interpessoais doentios, a ruptura do histórico familiar, o desligamento com a cultura local e a falta de cuidado com o coletivo. Por isso, os jovens precisam de uma educação integral, que nas palavras de Gadotti<sup>8</sup>, “[...] é uma educação com qualidade sociocultural. A integração da cultura, da saúde, do transporte, da assistência social etc. com a educação (p. 98)”, formando assim cidadãos atuantes no mundo, capazes de buscar soluções para os problemas sociais, econômicos e ambientais, entre outros, que vivemos hoje em dia.

Em um estudo a respeito de habilidades cognitivas e emocionais, Tough<sup>7</sup> avalia a entrada de alunos de uma escola secundária dos EUA no sistema superior de educação. A amostragem mostrou que os alunos que chegavam a entrar em universidades não eram necessariamente os detentores de melhores notas, mas sim os que possuíam características como otimismo, resiliência e agilidade social. Ou seja, a capacidade de certos alunos em se manter determinados a superar frustrações e seguir tentando, que fazem parte do que chamamos de habilidades socioemocionais, foi mais importante do que a inteligência cognitiva. Ao explorar mais esse aprendizado sobre a importância de habilidades socioemocionais, as escolas formariam jovens com outro espírito, se conectando com sua história e com a corporeidade, que é a maneira pela qual nosso cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento de relação com o mundo, como brincamos, pulsamos, dominamos uma bola ou dançamos. Desta forma, o desenvolvimento das competências socioemocionais deve estar presente na proposta pedagógica da escola, fazendo uma interlocução de forma transversal com o currículo através de experiências e vivências de aprendizagem planejadas em todos os tempos e espaços escolares.

Uma educação integral, dotada de aprendizagem socioemocional, possibilita “[...] a formação de seres humanos mais éticos, agentes conscientes do processo de construção de um mundo melhor, através do enfoque de formação de valores e afirmação da cultura de paz (p. 2)”<sup>9</sup>. Naturalmente, isso possibilita a formação de melhores profissionais em suas áreas de domínio, além de constituir seres humanos com preocupação pelo mundo a seu redor. A educação pode ser uma prática de liberdade, conceito de Freire<sup>10</sup>, que faz com que ela não seja apenas saber escrever palavras e sim ser autor da própria história, entendendo criticamente as palavras de seu mundo. Portanto, o esporte não é apenas manusear uma bola e sim, também, se expressar, já que como Freire<sup>11</sup> (p. 44) coloca,

[...] a existência humana não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

### **O caso da Islândia**

Serve como exemplo, um projeto da década de 1990 na Islândia. O contexto na época envolvia alto índice de uso de drogas pelos jovens, onde “[...] de 1992 a 1998, a proporção de jovens de 15 a 16 anos que fumavam diariamente na Islândia aumentou de 15% para 23% e os que fumaram maconha de 7% para 17%; e onde 40% dos entrevistados afirmaram terem estado bêbados no último ano (s.p)”<sup>12</sup>. Com uma das piores estatísticas da Europa, no que se refere a utilização de drogas por adolescentes, o governo, pais e escolas em todo o país estavam preocupados. Então, em 1999, para tentar entender mais sobre a situação, foi criado o Centro Islandês de Pesquisa Social, um instituto de pesquisa sem fins lucrativos com sede em Reykjavík, capital do país. Os pesquisadores do centro, em colaboração com formadores de políticas públicas, começaram a investigar quais fatores sociais que influenciam os jovens ao uso das substâncias.

A partir disto, foi criado um programa chamado ‘Adolescência na Islândia’. A intenção era ensinar jovens, com 14 anos ou mais, sobre novas habilidades e dar-lhes experiências positivas. Juntamente com novas habilidades, os jovens receberam um suporte emocional, que os ensinou a administrar seus pensamentos, sentimentos e interações com as pessoas e para lidar melhor com a vida. Adicionalmente, o programa promoveu aulas diárias de esportes, entre outras atividades artísticas, para possibilitar aos

jovens formas alternativas de constituir um grupo e sentirem-se bem, ao invés de recorrer ao álcool ou outras drogas.

Em 2006, após nova pesquisa, os dados mostraram tamanho avanço que foi criado um projeto visando a expansão do programa islandês para o resto da Europa. Hoje, o país lidera o índice de menor consumo de substâncias químicas por adolescentes no continente. Assim, “[...] a percentagem de jovens de 15 e 16 anos que tinham bebido no mês anterior despencou de 42 por cento em 1998 para 5 por cento em 2016 (s.p.)”<sup>13</sup>. O projeto demonstra que desenvolvimento dos jovens é multidimensional e envolve competências cognitivas e ‘não cognitivas’, conhecidas como as competências socioemocionais já mencionadas, que podem ser vistas como gestão das emoções.

Aspectos da educação além da capacidade cognitiva são necessários, valorizando todas as experiências humanas, inclusive a brincadeira, a socialização, a disciplina, a atenção, a emoção e o pensar, criando espaços, como Dias<sup>14</sup> menciona, para o homem ser o próprio agente de si, se educando permanentemente com suas ações e reflexões. Uma nova visão de integridade tem surgido defendendo que não se pode separar esses aspectos afetivos dos cognitivos. Educar é complexo, a educação socioemocional é de suma importância e o esporte pode ajudar neste processo educativo, conforme já afirmava Coubertin.

### **A Educação Olímpica como alternativa**

A partir desse ensinamento dos esporte, surge a Educação Olímpica, um termo estabelecido na década de 1970<sup>3</sup>, que visa a constante evolução do ser humano e dialoga diretamente com a educação integral e com a base pedagógica da BNCC. Como já mencionei, o esporte olímpico não é pensado somente para a competição. Seu principal idealizador inclui dentro do esporte, o que conhecemos como ‘espírito olímpico’, aspectos morais e emocionais a sua prática. Desta forma, cria-se a Educação Olímpica que apresenta valores e símbolos ligados ao Olimpismo, agregando o esporte ao desenvolvimento do ser humano. Assim, pode-se formar cidadãos atuantes no mundo. Então, o Comitê Olímpico Internacional, cria com esta intenção, um documento norteador, a Carta Olímpica, “[...] cujo objetivo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, na perspectiva de encorajar o estabelecimento

de uma sociedade pacífica e preocupada com a preservação da dignidade humana (p. 565)”<sup>3</sup>.

Os jovens de hoje, serão os adultos de amanhã, e suas atitudes influenciarão a dinâmica de suas cidades. Como afirma Gadotti<sup>8</sup>, é preciso educar para a cidadania desde a infância, com todos a par de seus direitos e deveres, assim constituindo uma população bem-informada, que seja capaz de contribuir para uma vida democrática. E essa formação pode ser “[...] viabilizada pela prática esportiva nas bases filosóficas do Olimpismo, cujo propósito é exaltar e combinar, em equilíbrio, as qualidades do corpo, da mente e da alma (p. 556)”<sup>3</sup>. Assim, é preciso pensar em processos de formação que permita a formação de espaços para o corpo, o desejo, e a relação próxima dos elementos do mundo natural e que, também, seja formado por menos regras.

As práticas esportivas “[...] promovem as excelências e os valores humanos que constituem uma formação integral das pessoas (p. 565)”<sup>3</sup>. Precisamos levar em consideração na escola, toda a complexidade que é a formação humana, levando em conta o lado emocional, como a BNCC sugere, pois “[...] só a sensibilidade do humano é capaz de acalantar o dia mais cinzento (p. 21)”<sup>2</sup>. Desta forma, a educação através do esporte, valorizando os valores primordiais desenvolvidos no início do Movimento Olímpico<sup>3</sup>, pode garantir uma formação física, intelectual, emocional e ética, sendo o jovem desenvolvido de acordo com as suas próprias competências.

As aulas de Educação Física, o conforme aponta Monteiro<sup>15</sup>, permitem que, ao lidar especialmente com a corporalidade, a afetividade esteja mais presente e pode ser mais trabalhada do que nas outras disciplinas que dão mais ênfase aos aspectos cognitivos. A prática esportiva na infância é acima de tudo afetiva e a partir dos valores transmitidos neste ambiente, cria-se uma cultura que os jovens levam para toda a vida pois, de acordo com Betti<sup>16</sup>, a cultura esportiva faz parte da cultura humana.

### **O esporte como pedagogia**

Na escola, a criança experimenta a prática esportiva por meio de um professor dedicado ao que faz, não somente relacionada a competição e a vitória, mas também com o prazer da descoberta, de explorar limites pessoais e, também, a relação entre esforço e resultado. É isso que torna a prática esportiva um elemento de encanto aos olhos dos alunos. Esses professores passam aos jovens mais do que técnicas esportivas. Eles têm

um compromisso com os valores que o esporte proporciona já que a prática esportiva vai além do aspecto físico, contendo um valor social e afetivo. Esta formação, que não é de ordem técnica, dá forma a uma cultura esportiva, produzida a partir de valores humanos. Quando algum jovem vivencia a iniciação esportiva, é possível observar sua relação com outras dimensões da vida, seja a atividade esportiva de caráter competitivo ou não. A lembrança desses primeiros movimentos se associa, igualmente, a outras diversas sensações pedagógicas na trajetória de um jovem.

Quando olhamos para um espaço de aprendizagem, temos que entender que este educador – sendo este um professor, um técnico etc. – é mais do que um repassador de informações, com o papel de “[...] criar condições para que o homem possa desenvolver as suas capacidades (p. 11)”<sup>6</sup>. O educador é um facilitador de mudanças de comportamento ao fazer com que os seus discentes aprendam a se conhecer, a fazer, a ser, colocando a técnica em segundo plano usadas apenas para dar suporte ao desenvolvimento das potencialidades humanas. Em outras palavras, é necessário acreditar mais no desejo e vontade das crianças e criar atividades que contribuam para a formação de identidade, assim ajudando na elaboração de um projeto de vida e contribuindo para que os alunos tenham a capacidade de “[...] aprenderem durante toda a vida, preparando-se para todos os estágios do seu desenvolvimento (p. 1)”<sup>6</sup>.

Esses educadores com um entendimento holístico do corpo, o veem como lugar das nossas emoções e sensações, com importância social e cultural, e não apenas como um instrumento a serviço do intelecto. Desta forma, o educador pode oferecer desafios que instigue o lado criativo do jovem, possibilitando que este construa e reconstrua seu universo de valores, significando e ressignificando atitudes, ao mesmo tempo que desempenha sua atividade. Portanto, “[...] o professor de Educação Física na escola tem o papel fundamental no desenvolvimento de habilidades motoras que podem levar ao desenvolvimento das modalidades esportivas (p. 263)”<sup>17</sup>.

O papel deste formador é tão importante que os atletas olímpicos brasileiros constantemente citam seus professores de Educação Física como pessoas importantes em suas trajetórias, conforme nos indica o estudo de Zimmermann e Rubio<sup>17</sup>. Apesar das atividades escolares almejarem contribuir ao desenvolvimento de habilidades motoras de todos os alunos, o professor pode depositar um pouco mais de atenção aqueles alunos que mostram maior aptidão e desejo de perseguir um futuro no esporte. Por isso, de acordo

com Zimmermann e Rubio<sup>17</sup>, eles são lembrados pelos atletas com muito carinho, que ao reconhecer sua essência de esportista são vistos como os responsáveis “[...] pela sua descoberta e posterior encaminhamento ao esporte de rendimento (p. 263)”. Assim, entendemos como este formador contribui ao encontro dos jovens com as suas virtudes.

A referência dos atletas olímpicos aos seus professores de Educação Física na infância nos mostra a importância desses profissionais para além do ensino da técnica. Esses professores, muitos também esportistas, ou aprendiz de, carregam consigo memórias afetivas ligadas ao esporte e seus próprios professores e, conseqüentemente, passam isso adiante aos seus alunos. O atleta reconhece a importância do professor principalmente através da transmissão de afeto. É isso que remete “[...] à imagem e memória que todos temos da figura de um professor que além de ensinar, nos tocou com palavras, gestos, broncas, e que a soma disso tudo resultou em inspiração (p. 266)”<sup>17</sup>. Assim, esse professor se aproxima, para os que se tornaram atletas, do mito de Quíron, o centauro mestre dos heróis, na mitologia grega, ao mostrar, de acordo com Lima<sup>18</sup>, a importância crucial que esses mestres têm em suas formações.

### **Memórias esportivas**

Porém, os professores de Educação Física são importantes para todos os alunos, não somente para os atletas. O estudo Rubio<sup>19</sup> demonstra que praticantes amadores do esporte também costumam lembrar dos seus professores como gatilho para a prática esportiva regular. A partir do parágrafo abaixo, usarei da minha experiência pessoal com o esporte na escola para colaborar com o estudo acima mencionado e mostrar como a atividade esportiva ajudou na minha formação intelectual, social e emocional.

No 4º ano, meus pais mudaram-me de escola e lembro que no início tive algumas dificuldade de adaptação. Porém, nas aulas de Educação Física, ao ser reconhecido pelas minhas habilidades esportivas, possibilitou-me ingressar no time de futebol da turma e começar uma maior integração com meus colegas. Além disso, os professores de educação física se tornaram amigos, com quem guardo contato até os dias atuais - inclusive, o meu apelido, que carrego até hoje, foi dado pela minha primeira professora de Educação Física dessa nova escola. Lembro que ao ter problemas disciplinares, ao longo do Ensino Médio, quem vinha conversar comigo era um professor de Educação Física, que além de ser meu técnico no time de futebol, era também um ex-jogador da

seleção brasileira de basquete. As suas paixões pelo jogo, seus entendimentos sobre a minha própria paixão pelo esporte e, especificamente, sobre aquele meu momento na vida, constituíram-se em aspectos primordiais na criação do laço afetivo entre nós.

Portanto, desde pequeno, a prática esportiva, para mim, sempre foi composta por momentos em que nada mais parecia importar, criando um hiato de tempo dentro da própria vida, pois como afirma Huizinga<sup>20</sup>,

O jogo não pertence à vida ‘comum’, ele se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos e, pelo contrário, interrompe este mecanismo. Ele se insinua como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização [...] como um intervalo em nossa vida cotidiana (p. 12).

O jogo “[...] promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces e outros meios semelhantes (p. 17)”<sup>20</sup>. O poder de encantamento do esporte não tem uma resposta racional, ultrapassa o ambiente da vida humana, e “[...] é na própria fascinação, na intensidade e paixão que residem as características fundamentais do jogo (p. 9)”<sup>20</sup>.

Não foi por acaso, então, que me envolvi tanto com o esporte. Dado que sempre fui considerado um aluno problemático por não parar quieto, achei no esporte uma atividade livre, “[...] considerada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total (p. 17)”<sup>20</sup>. Pratiquei futebol, basquete, tênis, vôlei, squash, natação entre outros. O esporte foi para mim exatamente este intervalo num estilo de vida em que não me encaixava, uma atividade desligada de interesse material, praticada dentro de um espaço e tempo limitado, seguindo suas próprias regras, criando uma certa ordem “[...] na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada [...] (p. 13)”<sup>20</sup>.

Esta minha experiência pessoal articula com as premissas de Coubertin sobre esporte. Durante minha adolescência, foi na prática esportiva que desenvolvi respeito aos meus limites, ao Outro, signifiquei amizades, aprendi a conviver em grupo, entre outros aprendizados. Em suma, foi de extrema importância para a formação do meu caráter, em um processo constante de aprendizados e ressignificação da vida, aprendidos durante a prática esportiva e incentivados pelos professores e técnicos que tive durante os anos

escolares. Eu tive a alegria, durante essas práticas, de ter contato com minhas emoções e reconhecendo mais sobre a natureza humana, além do plano racional, enquanto aprendia sobre as regras da vida e da convivência.

Neste contexto, criei inúmeras histórias que me ensinaram e continuam a me ensinar sobre a vida. Muito além da alegria de estar entre amigos, o jogo foi ensinando-me mais do que imaginava — a humilhação, a injustiça, os pequenos detalhes tão cruéis e tão amáveis —, me fazendo também aprender a perder e mostrar admiração e respeito pelo adversário, quando derrotado. Das quadras de pedra do pátio na escola, eu e meus amigos íamos para sala de aula, onde trocávamos figurinhas para completar os álbuns dos campeonatos de futebol, do Brasil e de outros países, a cada ano sem nunca nos cansarmos. Sabíamos cada detalhe de nossos ídolos, e assim também aprendíamos sobre novos países e suas culturas. Com o passar do tempo, a ‘maturidade’ foi chegando, com outros deveres surgindo e a forma como encarava esse jogo foi mudando na minha vida, sem jamais perder a importância. Participei de equipes esportivas onde viajávamos muito para jogar campeonatos fora da minha cidade, o que nos tornava quase uma família. Nas horas mais difíceis, tínhamos somente a nós mesmos para nos apoiarmos. Essa relação foi ficando tão íntima e profunda, que resolvi seguir carreira para continuar próximo de uma prática que tanto me encantou. Pois, quem ama o esporte, gosta de tudo o que lhe envolve: os personagens, as táticas, o acaso, a história. Quem ama o esporte, tem saudade sincera dos grandes momentos e expectativa dos novos que viverá. Quem ama o esporte, tem sua sensibilidade voltada para o grande jogo e o bem que lhe passa, abrindo sua imaginação para o terreno fértil de todos os sentimentos que ali circulam e de todas as histórias que ali se constroem.

É em um campo de jogo, de brincadeira e de descoberta onde crianças se sentem reconhecidas e protegidas. Segundo Gonçalves<sup>21</sup>, o esporte não é um fim em si mesmo, mas uma oportunidade que pode permitir responder a alguns desafios educativos relacionados com o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens. Nesse sentido, Freire<sup>22</sup> aponta que o esporte ajuda os jovens a

[...] desenvolver um acervo de habilidades bastante diversificado, podendo aproveitar essas habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com a rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social (p. 9).

Por isso, minha própria experiência me leva a crer que o esporte, com suas regras e categorias, pode cooperar no desenvolvimento dos jovens, reforçando o conceito de coletivo sobre o individual, protegendo o compromisso da solidariedade e respeito humano, constituindo o esporte como um espaço de desenvolvimento de novos experimentos motores, e principalmente de habilidades socioemocionais; temas bem próximos de alguns valores olímpicos que Lenk<sup>23</sup> formula a partir dos textos de Coubertin como: a desportividade, entendimento entre os povos e a diversidade cultural, a coletividade de todos os esportes e o conceito de amador.

### **Considerações finais**

O esporte é uma prática social que ajuda na construção de valores, como o respeito e a solidariedade, que colaboram para termos indivíduos que atuam na construção de um mundo mais harmônico; que forma indivíduos mais críticos; entre tantos outros benefícios. Em tempos em que os seres humanos encontram-se “[...] abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por ‘relacionar-se’ (p. 8)”<sup>24</sup>, é necessário redimensionar as prioridades da nossa educação.

Como podemos observar pelos estudos citados ao longo do texto e pela descrição da minha experiência pessoal, o esporte e o professor de Educação Física têm uma importância significativa na formação dos jovens. Nesse contexto, entra, a Educação Olímpica, com uma proposta de desenvolvimento das competências socioemocionais, considerando as várias dimensões que constituem a formação humana, dialogando diretamente com a BNCC que tem o objetivo de educar integralmente o jovem.

Como Marinho<sup>2</sup> comenta, nossos modelos educativos não podem existir para ajustar a criança ao conformismo de um meio familiar, social ou estatal, nem se limitar a adaptá-la à função ou ao papel que, adulta, desempenhará. E o esporte, mais especificamente as aulas de Educação Física, é uma ótima alternativa a serviço do desenvolvimento integral do ser humano.

### **Referências**

1 Sadi RS, Daolio J, Brito M, Azevedo AA, Suassuna S, Souza A. Esporte e sociedade. Brasília: Universidade de Brasília/CEAD; 2004.

- 2 Marinho T. Da natureza poética do desporto: para uma formação da sensibilidade estética. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*. 2014;4(1):19-24.
- 3 Perez CR, Zimmermann MA. Educação Olímpica e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): uma aproximação entre esporte e educação. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(3):555-568.
- 4 Assis P. Efeitos e Benefícios Psicológicos da Actividade Física (PARTE II) [citado 12 dez 2021]. 2007 Nov 26. Disponível em: [http://psico-desporto.blogspot.com/2007/11/efeitos-e-beneficios-psicologicos-da\\_26.html](http://psico-desporto.blogspot.com/2007/11/efeitos-e-beneficios-psicologicos-da_26.html).
- 5 Santin S. Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí: Ed. Unijuí; 1987.
- 6 Casanova RGQ. Holismo: consecuencias de una errónea interpretación. *Rol de enfermeira*. 1992; 165: p. 65 – 67.
- 7 Tough P. Um questão de caráter. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda; 2012.
- 8 Gadotti M. Educação integral no Brasil – inovações em processo. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; 2009.
- 9 Camargo TD, Souza DO. A educação integral como possibilitadora da construção da cultura da paz e de uma ética universal. Comunicação apresentada na conferência XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências; 2017 Jul 3-6; Florianópolis, Brasil.
- 10 Freire P. A educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2019.
- 11 Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2019.
- 12 North P. Icelandic youth [citado 9 dez 2021]. Londres: Paul North; 2015. Disponível em: <https://volteface.me/publications/iceland-report>.
- 13 Young E. Iceland knows how to stop teen substance abuse, but the rest of the world isn't listening [citado 9 dez 2021]. 2017 Jan 17. Disponível em: <https://mosaicscience.com/story/iceland-prevent-teen-substance-abuse>.
- 14 Dias JR. A educação de adultos. Introdução histórica. (Dissertação de mestrado). Braga: Universidade do Minho; 1982.
- 15 Monteiro MD. As manifestações Afetivas nas aulas de Educação Física: Análise de uma classe de 3ª série do ensino fundamental na perspectiva de Henri Wallon (Dissertação de mestrado). São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica; 2006.
- 16 Betti M. Cultura corporal e cultura esportiva. *Rev. paul. educ. fís.* 1993;7(2):44-51.
- 17 Zimmermann MA, Rubio K. A lembrança do professor de Educação Física: a presença de Quíron no processo de formação do atleta. In: Rubio K (ed.). *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Editora Laços. 2016: p. 261-277.
- 18 Lima DAS. Técnico-Mestre e Atleta-Herói: uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol (Dissertação de mestrado). São Paulo (SP): Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo; 2012.
- 19 Rubio K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: K. Rubio (Org.). *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014.
- 20 Huizinga J. *Homo ludens: o jogo como elemento na cultura*. São Paulo: Perspectiva; 2010.
- 21 Gonçalves MAS. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus; 1994.
- 22 Freire JB. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Editora Autores Associados Ltda; 2011.
- 23 Lenk H. *Toward a social philosophy of the Olympics: Values, aims and reality of the modern Olympic movement*. West Point (NY): Leisure Press; 1976.

Jardim Filho CEDA. A prática esportiva como alternativa para uma educação integral através dos valores olímpicos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2022;6:1-14.

24 Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Lisboa: Relógio d'Água; 2006.